

Klaus Vieweg, *Hegel: Der Philosoph der Freiheit. Biographie* (München: C-H. Beck, 2019). 978-3406742354. 824 pp.

Na sequência de vários outros estudos sobre o pensamento de Hegel, que se contam entre o que de mais original, fundamentado e renovador se tem produzido no âmbito do hegelianismo neste século, K. Vieweg apresentou recentemente uma extensa biografia de G.W.F. Hegel, a primeira em língua alemã desde há mais de 150 anos. Publicada nos últimos dias de 2019, esta biografia monumental inaugurou assim, da melhor forma, a comemoração do jubileu dos 250 anos do grande filósofo sistemático, nascido em Estugarda em 27 de agosto de 1770.

A biografia combina o percurso de vida do filósofo com a revisitação e interpretação da sua obra, tomando como fontes, além das obras publicadas por Hegel, as múltiplas cópias de lições conhecidas, as muito poucas biografias disponíveis que merecem menção, entre as quais se destaca a primeira, de K. Rosenkranz, a correspondência publicada e alguma ainda inédita, várias outras fontes inéditas nos arquivos de Berlim, Weimar, Nuremberga e Erlangen, além dos relatos contemporâneos disponíveis, diários pessoais, atas familiares da vida cultural e moral da época, notícias e recensões contemporâneas do autor, que dão conta da recepção das suas obras e fornecem o pano de fundo tanto humano quanto intelectual, político e social da sua criação. A bibliografia primária, que é utilizada devidamente acompanhada pelo seu comentário científico e crítico atualizado, quando disponível, permite assim ao leitor a imersão na vida e no contexto da produção filosófica de Hegel. Vieweg traz Hegel de novo à vida, num texto que prende o leitor até à última das quase 700 páginas de texto.

O subtítulo *O Filósofo da Liberdade* dá conta da posição interpretativa da obra, posição que é clara, sustentada com argumentos teóricos, biográficos e de contexto político extensivos e dificilmente contestáveis. Vieweg desfaz assim uma série de mitos, distorções ou erros de interpretação divulgados por alguma recepção, e também pelo uso discricionário, ou abuso de Hegel por parte de outras filosofias a necessitar de espantalhos para a definição da sua própria identidade.

Uma interpretação já contemporânea de Hegel, que o entende como defensor da restauração e do estado policial instaurado na Prússia a partir dos Decretos de Karlsbad, em 1819, é refutada sem margem para dúvidas, com uma renovação de argumentos em parte já conhecidos, fundada numa larga exposição de textos, conflitos políticos e factos biográficos que atestam o pensamento e a biografia de Hegel como filósofo da liberdade. O privilégio da reforma política frente à revolução, e mesmo a crítica impiedosa do fanatismo aniquilador desta última, não o impediu de se manter fiel aos ideais de liberdade e igualdade, civil e política, na base da tomada da Bastilha, ocorrência a que, como se sabe, continuou a brindar com um copo de espumante francês em todos os 14 de julho enquanto viveu. Vieweg mostra o completo contra-senso que é a tentativa de utilização da famosa frase do Prefácio à *Filosofia do Direito*, “o que é racional é efetivo; e o que é efetivo é racional”, como argumento

para defender um Hegel restauracionista e defensor do estado de coisas na Prússia de 1819. Vieweg mostra como essa tentativa é inconsistente com a letra e o espírito da obra, com os dados biográficos e todo o contexto da atuação e percurso biográfico de Hegel. Pelo contrário, como confirmam por exemplo Heine, Strauß, Michelet, vários outros testemunhos, e uma interpretação consistente do texto, o sentido da frase é simplesmente que a razão não é uma quimera, nem as ideias meras entidades mentais. Dito de outro modo, nos termos do filósofo: “também se poderia dizer: «tudo o que é racional tem de ser».” (469)

Contrariamente ao mito popperiano pouco informado de Hegel como promotor de um estado totalitário, vêmo-lo à luz desta biografia como um cosmopolita liberal, em colisão quer com o “partido da corte”, restauracionista, representado em parte por filósofos como Schleiermacher ou Schelling, quer como nacionalistas, xenóforos e antissemitas extremados, ditos liberais, como Fries.

Entre os erros de interpretação mais recentes, pode-se referir o modo como é desmontado o alegado eurocentrismo de Hegel. Hegel compreendeu a dívida do pensamento grego ao pensamento asiático, em diferentes aspectos, em especial naquele que Vieweg considera um tema decisivo para toda a filosofia de Hegel, o ceticismo, cuja origem situa no pensamento hindú e budista. A cultura europeia é, principalmente, resultado contingente de sínteses culturais, e a liberdade hegeliana tanto pode estar em casa na Europa quanto em qualquer outra parte do mundo globalizado. Além de uma recepção positiva, notável para a época, do pensamento e da literatura orientais, ressalte-se que no começo da *Ciência da Lógica*, o grande esteio teórico do sistema hegeliano, estão explicitamente emparelhados ocidente e oriente, entre o ser, que marcou a tradição metafísica ocidental a partir de Parménides, e o nada, representado historicamente pela filosofia especulativa budista. A origem da história do espírito, que Hegel situa na espiritualidade naturalística do oriente, não é uma característica exclusiva do oriente mas, diz-nos Vieweg, “o ponto de partida de *todos* os estados” (606). O oriente foi somente o pioneiro a realizar esta forma do espírito e, por isso, a alcançar a figura do estado. Aguardamos somente ainda um estudo de Vieweg acerca da relação de Hegel com África.

Com estas bases interpretativas, o livro acompanha a vida de Hegel desde o nascimento e infância, em Estugarda, detendo-se nos estudos na celebrada companhia dos grandes colegas de quarto da *Stiftung* de Tübingen, Schelling e Hölderlin, cujas relações com Hegel são acompanhadas também ao longo de toda a vida do biografado. Além da dedicação e admiração sempre reafirmadas pela obra de Hölderlin, de especial interesse é também aqui a relação com Schelling, com a rutura na sequência da publicação da *Fenomenologia do Espírito*, a crítica acérrima à *Ciência da Lógica* de Hegel por Schelling nas suas Lições em Munique de 1827, e a chamada final de Schelling a Berlim já em 1840 para suceder a Hegel, com o fito de, através da filosofia da revelação, “extirpar a hidra do hegelianismo”. O projeto não foi coroado de êxito. No entanto, apesar de “lhe doer duradouramente a crítica pouco fundamentada

à sua *Lógica* por Schelling” Vieweg recorda o encontro conciliador e amistoso dos dois gigantes numa visita a Karlsbad em 1829.

Atravessamos os preceptorados de Hegel em Berna e Frankfurt com as suas frustrações e esperanças, até à entrada de Hegel na extraordinária conjunção de estrelas filosóficas e literárias da Iena cerca de 1800, onde assistimos ao seu desenvolvimento intelectual sistemático na Universidade dessa cidade, a partir da influência de Schelling, além das suas relações com o pensamento de Kant, Fichte, Jacobi, Schulze, e também pessoais com Goethe, Schiller, os irmãos Schlegel e vários outros menos conhecidos do leitor estrangeiro. As atribulações pessoais e históricas coincidentes com a completação e publicação da *Fenomenologia do Espírito* em 1807 – “uma obra milenar da filosofia”! – conduzem-nos até Hegel como chefe de redação do jornal *Bamberger Zeitung* na Francónia católica. Finalmente, o casamento com Maria von Tucher, em 1810, acontece na estação biográfica seguinte, em que o filósofo assumiu o reitorado e a implementação de um projeto reformista inovador de educação humanística no Liceu de Nuremberga (1808-1816). O seu primeiro posto como professor universitário regular só acontece aos 46 anos, na Universidade de Heidelberg, após a publicação da *Ciência da Lógica*, entre 1812 e 1816. Com esta obra, Hegel pretende levar a cabo “a lógica da modernidade” e “retirar dos seus eixos o mundo filosófico instruído”, i.e., alterar por inteiro as coordenadas em que se moveu o pensamento até então. Segue-se a chamada para Berlim, em 1818, onde Hegel permanece com a família, constituída por Marie, três filhos Karl, Immanuel, Ludwig, e ocasionalmente a sogra, Susanna Maria, a jovem cunhada Fritz e os cunhados Gottlieb e Carl. Em Berlim, encontramos Hegel em viagens à Holanda, Paris, Praga e Viena, mas sobretudo no centro da vida intelectual, científica e artística da capital prussiana. Através das lições sobre Lógica, Filosofias da Natureza, do Direito, da História, da Arte, da Religião e História da Filosofia, atinge o zénite do seu reconhecimento como filósofo decisivo da modernidade, ao mesmo tempo em que navega entre os escolhos da vida política e académica, na reafirmação da liberdade, da razão e da crítica como pedras angulares de toda a vida espiritual humana, até à sua morte no final de 1831, quando preparava a reedição da *Fenomenologia do Espírito* e da segunda parte da *Ciência da Lógica*.

A leitura desta monumental biografia é um enorme prazer para o leitor interessado por Hegel e pela sua época, um período único na história da filosofia, comparável à Atenas clássica. *Hegel: Der Philosoph der Freiheit* reúne uma exposição e interpretação de todas as obras significativas do autor, com o pulso da sua vida e época intelectual, apresentando um fresco da vida intelectual, familiar, moral e quotidiana da época, e o lado humano do grande sistemático, surgindo frequentemente os testemunhos da sua admiração pela beleza feminina, o seu apreço pelo vinho do Reno, de Bordeaux ou espanhol, pelos jogos de cartas, o seu especial jeito para lidar com crianças, o humor sempre presente, o gosto pela sociedade, pelo teatro e pelas artes visuais.

Esta excelente biografia marca da melhor maneira a comemoração dos 250 de Hegel, e entra sem hesitações para o rol das leituras indispensáveis a quem queira aprofundar os seus conhecimentos sobre Hegel hoje.

*Diogo Falcão Ferrer*

DFCI – Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

Unidade I&D CECH – FLUC

Email: [ferrer.diogo@gmail.com](mailto:ferrer.diogo@gmail.com)

ORCID: 0000-0001-8209-7691

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_58\\_11](https://doi.org/10.14195/0872-0851_58_11)